

166

RESENHA

ENTRE AS PEDRAS:
AS OCUPAÇÕES
PRÉ-HISTÓRICAS
RECENTES E OS
GRAFISMOS RUPES-
TRES DA REGIÃO
DE DIAMANTINA,
MINAS GERAIS, DE
ANDREI ISNARDIS¹

Paulo DeBlasis

1- Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, Suplemento 10, 196 p., 2009.

Esta resenha se refere à tese de doutoramento de Andrei Isnardis, defendida em 2009 no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade de São Paulo, com sede no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE-USP), em 2009. O programa publica anualmente, na forma de livro, uma tese ou dissertação selecionada dentre as defendidas no ano anterior. A escolha do trabalho de Isnardis não é sem propósito, pois se trata de um estudo que concentra diversas qualidades. Dentre elas, as que mais agradam a este resenhador é o fato de projetar uma perspectiva de longa duração sobre certa paisagem regional espetacular no coração das Minas Gerais, e fazê-lo a partir tanto da arte rupestre quanto dos demais vestígios materiais disponíveis. E, também, a partir desse partido mais geral e abrangente, o uso de análises bastante objetivas e eficazes das coleções líticas – e dos sítios de onde provêm – envolvendo a noção de organização tecnológica.

É digna de nota, também, a postura (assumidamente) pragmática do pesquisador, explicitada logo no início do trabalho: ao invés de seguir a priori esta ou aquela linha

teórico-metodológica, o autor serve-se (sic) das orientações que julga adequadas e convenientes para os fins a que se propõe. E escolhe bem, pois a articulação metodológica que adota – a percepção sensível da paisagem aliada a uma abordagem objetiva e integrada de seus componentes – torna bastante contemporâneo o escopo teórico deste estudo, um bom exemplo de prática arqueológica de qualidade.

O livro examina uma região até então pouco conhecida arqueologicamente, o planalto do Espinhaço, situado no centro-norte mineiro, também chamado região diamantina. Trata-se de uma área pedregosa, de relevo áspero e água abundante. Intercala afloramentos escarpados de rochas metamórficas, onde predominam as formações vegetais rupestres, com extensões de campos aplainados e abertos de dimensões variáveis. Aos pés destes afloramentos rochosos, na borda do campo, ocorrem inúmeros abrigos naturais repletos de pinturas parietais, primeiro objeto de interesse do pesquisador. De fato, criado no Setor de Arqueologia da UFMG sob a orientação competente do professor André Prous, Andrei vem de um interessan-

te estudo sobre as manifestações rupestres do vale do Peruaçu, sua dissertação de mestrado neste mesmo programa. Bem versado na tradição mineira (proveniente da escola estruturalista francesa) de análise rupestre, Andrei evoluiu, juntamente com seus colegas, para uma linha autóctone (mas com paralelismos globais) por eles designada cro-no-estilística.

A partir de levantamentos preliminares na região diamantina, a idéia original de Isnardis era estudar as manifestações locais da Tradição Planalto e relacioná-las com as evidências de outras áreas mais estudadas e conhecidas, como a serra do Cipó (onde essa tradição foi datada no Holoceno médio) e a região de Lagoa Santa. As prospecções e escavações que se seguiram, entretanto, revelaram uma diversidade estilística parietal muito maior do que se imaginava, e um conjunto de evidências também muito rico e diversificado proveniente de escavações no solo de alguns abrigos. Embora alcance grande antiguidade, o registro arqueológico mais recente da região se revelou interessantíssimo e repleto de desafios - cenário este que levou o pesquisador a alterar a ênfase de seus estudos, o que de modo algum afetou o escopo teórico mais geral do trabalho.

A perspectiva teórica fundamental, que já no texto introdutório se percebe, é a de paisagem, um discurso eivado de insinuações poéticas que traem certa subjetividade do olhar do pesquisador. Mas que não se iluda o leitor: a percepção da região diamantina pelo arqueólogo não é romântica ou ingênua, vem fortemente embasada em perspectivas geográficas, geológicas e geomorfológicas daquele platô escarpado, cuidadosamente incorporadas no capítulo II. Esta articulação gera uma descrição leve e robusta, que conduz o leitor nessa percepção da estrutura da paisagem. As prospecções, descritas ainda no capítulo I, apesar de

modestas em relação à enormidade da região, são bem desenhadas e amostram os principais compartimentos da área, apontando alguns elementos decisivos que caracterizam os padrões de ocupação humana da serra. Um exemplo disso é a percepção da relação dos abrigos com as bordas dos sucessivos patamares que caracterizam aquele planalto residual, e a estruturação desses compartimentos encontra-se bem representada nos diversos perfis topográficos regionais apresentados neste mesmo capítulo. Esta perspectiva regional, aliás, percorre todo o livro, possibilitando uma adequada articulação histórica e cultural dos vestígios arqueológicos por lá encontrados.

Cabe constatar que, apesar de sua formação estruturalista, e de exibir uma postura bastante contemporânea ao atentar aos aspectos naturais e culturais da construção da paisagem diamantina, Andrei Isnardis não tem medo de esboçar as linhas de uma história cultural para a região. Nesta área pouco estudada e datada, a longa duração é apresentada na forma de “horizontes de ocupação humana”, ainda bastante estanques sem dúvida, mas até certo ponto (sobretudo para o período mais recente) articulados pelas sequências parietais. A cronologia e as peculiaridades da estratigrafia arqueológica rasa são apresentadas no capítulo terceiro; em pelo menos um caso, a sequência estratigráfica transita abruptamente das ocupações mais recentes (entre 1200 e 600 anos aP aproximadamente), que exibem um registro bastante rico e diversificado, para o horizonte da transição pleistoceno-holocênica (mais de 10.000 anos aP), onde o registro é minguido, permitindo pouco mais que algumas datações e a descrição sumária das indústrias líticas e estruturas presentes nos abrigos.

Andrei esgota as possibilidades analíticas da longa duração, discutindo a estratigrafia

dos abrigos escavados, a ausência de vestígios para o Holoceno médio e as indústrias do horizonte pleistoceno-holocênico, caracterizadas pela presença de matérias primas selecionadas e vestígios bastante curados (embora, nos sítios estudados, bastante rarefeitos). Artefatos formais são praticamente inexistentes, mas incluem, no entanto, uma ponta projétil em quartzo e uns poucos artefatos plano-convexos, itaparicóides. De um modo geral, exceto por estes últimos, os materiais lascados mais antigos distinguem-se bastante bem das indústrias lascadas predominantemente em quartzo e pouco curadas dos horizontes mais recentes. Apesar dos dados escassos, o autor procura relacionar estas indústrias mais antigas com os amplos cenários de ocupação que se vão descortinando para este período no Planalto Central brasileiro, nos quais a região diamantina definitivamente passa a se inserir.

Esta transição abrupta e a falta de evidências e/ou datações do Holoceno médio tornaram pouco factível o estudo das ocupações associáveis (em tese) às manifestações da Tradição Planalto, em função da escassez de informações disponíveis. A perspectiva de longa duração, com base em uma competente análise crono-estilística da arte e apenas algumas datações, mostrou que, embora a presença humana na região tenha sido detectada desde a época da transição pleistoceno-holocênica, há no registro de solo um grande hiato para o Holoceno médio – aliás um fenômeno que, detectado também em outros trechos do planalto central, vem suscitando discussões interessantes, por Astolfo Araujo e outros, acerca do povoamento desta vasta região naquele período. As escavações de Andrei Isnardis na região diamantina produziram, no entanto, de um conjunto de dados bem mais diversificado para o período recente, associado a sociedades já (ou parcialmente) agriculto-

ras, incluindo sepultamentos elaborados de maneira sofisticada em materiais vegetais bem conservados, e uma indústria lítica peculiar. Assim, de novo de maneira pragmática, Isnardis optou por dar maior ênfase às ocupações mais recentes da região diamantina, descritas e analisadas nos capítulos finais de seu trabalho.

Antes disso, entretanto, as manifestações parietais são apresentadas e discutidas no quarto capítulo. Nota-se certa ênfase nos grafismos da Tradição Planalto, mas os demais estilos ali presentes, mais recentes, são também analisados e discutidos. Aqui a idéia de construção da paisagem através da arte se faz presente, um componente que também integra a percepção da composição de um estilo gráfico. Mas um dos méritos decisivos desta abordagem é possibilitar o sequenciamento dos estilos, uma versão local de historicidade rupestre e suas relações estilísticas. Usada com rigor, permite examinar nuances da evolução de certos fundamentos temáticos e técnicas pictóricas associadas, relacionando-os entre si e com outros elementos da paisagem, tanto em escala local como regional.

Mais ainda, possibilita também a articulação do registro rupestre com os demais aspectos do registro arqueológico, usualmente enterrados no solo dos mesmos abrigos. Isso é, a meu ver, uma inestimável conquista metodológica: eliminar a dicotomia, tão comum, entre o estudo da arte rupestre e dos demais vestígios, possibilitando uma percepção ampla e integrada em termos de cronologia, territorialidade, economia, proveniência, etc - além dos registros iconográficos eles próprios, reveladores de um fascinante conjunto de referências imagéticas ligadas ao universo mítico, sensorial, comportamental, e mesmo material, dos grupos estudados. E, para a construção de uma história regional que sirva de referência para

estudos mais específicos, a arte rupestre (quando presente) é, de fato, um ponto de partida realmente privilegiado¹.

O estudo das ocupações recentes se desdobra nos capítulos seguintes, a parte de maior destaque do trabalho. No quinto capítulo as escavações, estruturas e materiais nelas presentes são descritas, com destaque para a indústria lítica, já que a rarefação de vestígios cerâmicos é um sintoma notável. Impressionam a conservação dos restos vegetais e a suntuosidade estilística do mobiliário funerário, material que de fato convida a analogias etnográficas.

A análise da indústria lítica, em geral numerosa nos abrigos estudados, apresentou dois desafios metodológicos, “charadas arqueológicas” que Andrei desata com elegância e competência. Ambas as questões envolvem semelhanças formais no artefactual de indústrias de diferentes períodos. Uma delas consiste no fato de que esta região, onde abundam quartzitos e cristais de rocha, é até hoje garimpada de maneira recorrente em busca de peças (cristais com elevado teor de pureza) utilizadas na indústria eletrônica, entre outros usos. Como os abrigos são utilizados de maneira recorrente para estas atividades, os refugos assim produzidos se misturam e confundem com aqueles provenientes das indústrias pré-coloniais tardias, que usam a mesma matéria prima e uma tecnologia em geral pouco curada, gerando um registro arqueológico ambíguo.

A oportunidade de uma abordagem etno-arqueológica não foi perdida. Andrei e

1- Não é difícil perceber que a noção de história cultural, aqui, tem pouco a ver com a perspectiva mecanicista comum na arqueologia brasileira da segunda metade do século passado, já dura e amplamente criticada na literatura sob o epíteto de culturalismo histórico, expressão usada frequentemente com uma conotação um tanto pejorativa. Aqui, a percepção de longa duração dos processos de ocupação/construção cultural da paisagem, em uma abordagem regional, assume o fio condutor da análise arqueológica, permitindo integrar as demais abordagens em uma perspectiva contextual e abrangente.

sua equipe acompanharam a produção lítica dos garimpeiros contemporâneos, analisando os objetivos do lascamento, os procedimentos técnicos (gestual e equipamentos), o produto e o descarte destas atividades, o que chega ao sítio, o que fica e o que sai. O processo de seleção dos materiais envolve tanto o descorticação como a redução de blocos de cristal através de lascamento, realizado com martelinhos metálicos. Desta forma Andrei define parâmetros descritivos e morfológicos que caracterizam esta indústria contemporânea e os usa para estabelecer critérios analíticos eficientes para distinguir estes materiais – histórico e pré-histórico – e, assim, contrastar com propriedade a tecnologia da produção contemporânea daquela utilizada no período pré-colonial tardio. Esta estratégia possibilitou ao pesquisador isolar e descrever as coleções líticas pré-coloniais obtidas nos diversos abrigos pesquisados, usando as características tecnológicas identificadas para distinguir, com precisão bastante satisfatória, os vestígios de lascamento relacionados a estes distintos momentos de ocupação da região².

Outro interessante desafio metodológico em relação à análise das coleções líticas mais recentes se refere à presença, nestas últimas, de artefatos unifaciais na forma de lesmas, fabricados principalmente nos quartzitos abundantes na região. Estes artefatos são, como se sabe, habitualmente utilizados pelos arqueólogos como fóssil-guia das indústrias curadas do final do Pleistoceno e início do Holoceno, englobadas genericamente sob a designação de Tradição Itaparica, e encontradas por toda parte no Planalto Central (e além). Aqui, novamente, a arte (ana)lítica de Andrei Isnardis se impõe, de maneira perfeitamente convincente.

2- O estudo comparativo das técnicas de lascamento contemporâneas e pré-coloniais tardias mereceria, por si só, um artigo. Andrei e seus colegas nos ficam devendo essa.

Através da detecção e descrição do estilo tecnológico presente na produção das peças unificadas plano-convexas do período pré-colonial recente, e a comparação com a tecnologia presente nos plano-convexos do horizonte antigo do Planalto Central (já bem descrita na literatura), Andrei faz-se perfeitamente capaz de distinguir entre estes conjuntos, mostrando que a recorrência formal, neste caso, é alcançada a partir de dois sistemas tecnológicos distintos. Estas análises tecnológicas são um dos pontos altos do estudo: a caracterização dos comportamentos tecnológicos dos diferentes momentos de ocupação, feita ao mesmo tempo com rigor metodológico e simplicidade, usando de uma perspectiva processual e tecnicamente bem embasada. Aqui se vê como o mesmo olhar que diseca a paisagem e as pedras de maneira por vezes intuitiva (e poética) também trata, com rigorosa e metódica objetividade analítica, os vestígios materiais nela presentes.

Por fim, no capítulo final, Isnardis volta novamente sua atenção para a paisagem regional, explorando a diversidade tipológica (em termos de composição, densidade relativa e localização dos vestígios parietais e sedimentares) dos sítios estudados nas primeiras formulações dos padrões de ocupação da área. Apesar da ênfase compreensível nas ocupações tardias, mais bem documentadas no registro regional, em momento algum o autor perde de perspectiva a longa duração, que se projeta sobre a paisagem diamantina e os processos de sua ocupação. Chega ao presente, com os estudos etnoarqueológicos e a percepção de que os arqueólogos, eles próprios, relacionam-se com a população local e passam, eles próprios, a se integrar ali, a fazer parte dessa história.

É precisamente, a meu ver, esta articulação entre método e sensibilidade, desenvolvida por um pesquisador que combina, de

um lado, a vocação suave do estudo dos estilos artísticos e da percepção imediata da paisagem e das gentes que com as quais se envolve (ou vivencia), e de outro a competência dura, objetiva, dos estudos sistemáticos de cultura material, que torna este um trabalho bastante completo e perfeitamente contemporâneo em termos teóricos, onde distintas competências são demonstradas no âmbito de uma perspectiva regional abrangente e integradora. Parodiando, de brincadeira (e às avessas), um dito famoso, “hay que sensibilizarse, pero sin perder la objectividad”.^{SB}